

Ensinando a Transgredir na Infância: O Autorretrato como Ferramenta de Educação Antirracista

Bianca Trindade ¹

RESUMO

Este artigo contribui ao **XI Congresso Nacional de Educação (CONEDU)** e explora experiências com autorretratos na Educação Infantil. A pesquisa foi realizada com crianças de quatro anos da Secretaria Municipal de Educação (SME) no CIEP Municipal do Rio de Janeiro, visando fortalecer as relações étnico-raciais por meio das Artes Visuais. As propostas aqui apresentadas alinham-se à Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da história e cultura afro-brasileira, promovendo identidades negras e combatendo o racismo na infância. O autorretrato na Educação Infantil possibilita a construção de identidades afirmativas e a problematização de estereótipos raciais. Trabalhar essa temática com crianças exige curiosidade, paciência e partilha. É essencial criar, brincar e experimentar para promover uma educação antirracista. O autorretrato é uma estratégia para conhecer as crianças e suas percepções de mundo. A identidade infantil pode ser analisada a partir de Stuart Hall (2006), que discute identidade cultural e transformações contemporâneas. Nilma Lino Gomes (2017) destaca a necessidade de uma educação que supere o racismo e valorize identidades negras. Bell hooks (1994) defende práticas pedagógicas libertadoras e Ana Mae Barbosa (2008) reforça a importância da imagem no ensino da arte. Essas ideias dialogam com Kabengele Munanga (1999), sobre a mestiçagem no Brasil, e Glória Anzaldúa (1987), sobre subjetividades híbridas e autorrepresentação. A escola é um espaço contínuo de construção. Educar crianças para a realidade racial é urgente, e o autorretrato se mostra um instrumento potente para essa reflexão e transformação.

Palavras-chave: Infância; Autorretrato; Educação Infantil; Relações Étnico-Raciais; Práticas Antirracistas

¹ Doutoranda em Educação no Programa de Pós-Graduação /PPGEduc–Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)– Mestra em Educação –UFRRJ. Especialista em Diversidade Étnico-racial e Educação Superior a Brasileira– UFRRJ. Pós-graduada em Artes Visuais/ EAD –Colégio Pedro II. Graduada em Pedagogia. Licenciatura pela UNIABEU. Graduada em Artes Plásticas – UNIVERSO. Membro do Laboratório de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas (Leafro). Pesquisadora / Grupo de Pesquisa Afrosin–UFRRJ., biaartes2017@gmail.com



Por que ensinar a transgredir na Educação Infantil?

De várias maneiras continuo a ensiná-los, e eles, inversamente, se tornam mais capazes de me ensinar. (...) A lição importante que aprendemos juntos, a lição que nos permite caminhar juntos dentro e além da sala de aula, é a do engajamento mútuo. (Bell Hooks, 2017, p.271)

Concordamos com autora, que “a lição importante que aprendemos juntos”, elas eternizam e ganham espaços em nossas memórias e principalmente, em nossas vidas. Nesse engajamento pensamos essa pedagogia engajada que tanto fala bell hooks (2017), em sua obra: Ensinando a transgredir: A educação como prática da liberdade. Ao refletir sobre o processo educativo, bell hooks (2017, p. 271) afirma: “De várias maneiras continuo a ensiná-los, e eles, inversamente, se tornam mais capazes de me ensinar. (...) A lição importante que aprendemos juntos, a lição que nos permite caminhar juntos dentro e além da sala de aula, é a do engajamento mútuo.” Essa afirmação nos faz pensar a compreensão de ensino e aprendizagem como vias de mão dupla, que podem ser sustentadas pela escuta, pela troca e pelo reconhecimento do outro como sujeito do conhecimento. Assim como propõe Paulo Freire, bell hooks defende uma educação que se constrói através de diálogos, em que educador e educandos compartilham experiências e afetos.

Para início de conversa acredito ser importante ressaltar que o presente estudo acadêmico foi realizado na conjuntura do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEduc) da UFRJ e de estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Afrosin (Afroperspectivas, Saberes e Infâncias), uma instância acadêmica devidamente registrada no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), e, sediada na (UFRJ). sob a orientação do Dr. Renato Nogueira.

Nesse diálogo podemos verificar a existência do racismo na infância, assim como outros pesquisadores, como a professora Eliane Cavalleiro (1998), Azoilda trindade (1994) entre outros, que se ocuparam em denunciar o racismo em seus estudos. Nossos esforços contribuem para a realização de práticas docentes comprometidas com uma educação antirracistas na escola e tornar visíveis experiências e aprendizagens através das oficinas de Artes, a partir da Lei 10.639/2003, que tornar obrigatório o ensino de História



da África e Cultura Afro-brasileira nas escolas públicas e privadas. Pensando uma educação sem discriminações e racismo na Educação Infantil.

Ao recordar a expressão ouvida na escola — *“Tia, se eu der a mão a ele, vou me sujar!”* — pronunciada por uma criança de quatro anos, fui tomada por perplexidade. O silêncio e a tensão tomaram conta do ambiente, evidenciando que o racismo, ainda que muitas vezes velado, atravessa de forma dolorosa as relações entre as próprias crianças. A partir desse episódio, tornou-se inadiável reconhecer que a questão racial precisava ser discutida e enfrentada no contexto institucional. E ao relembrar este momento marcante, confesso que este foi decisivo para que o meu interesse em pesquisar sobre as questões raciais, e pensar nos atravessamentos do racismo no contexto escolar e como este pode afetar as nossas crianças. Este se manifesta precocemente e pode afetar a construção da autoestima principalmente, das crianças negras.

Nesse sentido, foi necessário pensar em alguns caminhos, que nos ajudassem a garantir, na prática escolar, o conhecimento dessas questões racial na infância, principalmente, para desvelar o silêncio e combater esse problema presentes nas salas de aula. E entender toda essa complexidade nesse espaço é uma tarefa dos profissionais de educação. Seguindo a orientação, os nossos passos para pensar este problema poderia ser a introdução da Filosofia no cotidiano escolar, ampliando as possibilidades de pensamento e reflexão das crianças sobre a questão racial. Como aponta a Sociologia da Infância, reconhecemos que as crianças são atores sociais. E com isso, estruturamos esse estudo numa prática artística e filosófica, pensando numa proposta de educação mais democrática para a construção de uma escola antirracista.

Como Gomes (2006, p.179) define:

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor de pele, tipo de cabelo, formato de olho etc. Ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores.

Dessa forma, o racismo não se restringe apenas com atitudes individuais, mas entretanto se estrutura nas instituições e nas práticas sociais, reproduzindo desigualdades e invisibilidade de identidades negras. Na escola, as manifestações raciais podem ocorrer



de forma sutil, interferindo nas relações sociais entre as crianças e os seus pares, e aparecem nas representações de si mesmas e nas expectativas que os adultos projetam sobre elas.

Concordamos com Gomes “*é o resultado da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores*”. Por essa razão, nós educadores, devemos reconhecer e compreender essas dinâmicas é condição fundamental para pensar ações pedagógicas antirracistas, sobretudo na Educação Infantil, onde se constituem as primeiras experiências escolares das crianças, onde se constroem experiências de convivência, pertencimento e construção de identidade.

Por isso, a partir das interações estabelecidas com as crianças (04 anos), da pesquisa, utilizamos a metodologia de Pesquisa-ação, no qual as crianças participavam ativamente, valorizamos a escuta infantil e as suas narrativas que se constituíram um momento sensível e inesquecível, muito relevante nesse estudo. Escrevo sobre essas impressões para que possamos debater mais sobre as percepções e experiências das crianças, e sobre a importância de nós professores trabalharmos as relações étnico-raciais na escola.

Como ensinar a transgredir na infância através do autorretrato?

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana relata que a escola como locus privilegiado para ações de combate antirracista pode ajudar na luta pelo fim da desigualdade racial e social. Destacamos as seguintes orientações prescritas nesse documento:

Para que as instituições de ensino desempenhem a contento o papel de educar, é necessário que se constituam em espaço democrático de produção e divulgação de conhecimentos e de posturas que visam a uma sociedade justa. A escola tem papel preponderante para a eliminação das discriminações e para a emancipação dos grupos discriminados, ao proporcionar acesso aos conhecimentos científicos, a registros culturais diferenciados, à conquista de racionalidade que rege as relações sociais e raciais, a conhecimentos avançados, indispensáveis para consolidação e concerto



das nações como espaços democráticos e igualitários.
(BRASIL, 2004, p. 14-15)

Reiteramos que a educação é a maneira mais forte de combater o racismo estrutural e institucional existente no contexto brasileiro, pois através dela há possibilidade de tomarmos consciência de que o racismo existe e está a todo instante presente, ferindo e matando tantos. Desse modo, uma possível tarefa, sobretudo para nós, educadores, que pensam na Diversidade Étnica-raciais, seria construir culturas pautadas nas diferenças como possibilidades e enriquecimento epistemológicos e das relações humanas. O papel da educação é promover mudanças. E por que não começar pela Educação Infantil?

Esta foi uma das questões que nos fizeram pensar nesta proposta educativa, ou seja, o autorretrato como ferramenta metodológica para auxiliar no combate ao racismo. Educar as crianças para a realidade racial é preciso. Nossa leitura é de tomar o autorretrato como uma estratégia para conhecer as crianças, o que elas pensam sobre a realidade, suas ações e atitudes, sua visão da realidade e do mundo, as suas relações sócio-culturais. Por isso, os nossos investimentos intelectuais repousam sobre demandas dos estudos da infância, aqui especificamente da Educação Infantil, ao lado da temática das relações étnico-raciais associada ao ensino de Artes Visuais.

Nesse sentido, a escuta sensível da infância — foi muito valorizada nesta pesquisa — o que se aproxima do que bell hooks denomina de “caminhar juntos dentro e além da sala de aula”, pois implica deslocar o olhar adulto, e dar à voz as crianças compreender que elas também nos ensinam sobre o mundo, sobre a infância e até sobre nós mesmos. Escutar as crianças é, portanto, um ato político e ético, são gestos de partilha e reconhecimento que sustenta a construção de um espaço escolar mais equitativo, afetivo e transformador.

Pensando nisto, apostamos proposta na metodologia do autorretrato na infância. No terreno das Artes Visuais, “autorretrato é um subgênero do retrato e pode ser definido como uma imagem representativa da individualidade de seu autor; assim como o retrato genérico, busca revelar particularidades do retratado” (RAUEN; MOMOLI, 2015, p.56). Nessa perspectiva, o autorretrato ultrapassa a simples reprodução da aparência, constituindo-se como um exercício de subjetividade e autoconhecimento. Ao representar a si mesmo, o sujeito se vê, se reconhece e se (re)inventa — num processo simbólico que envolve memória, identidade e pertencimento.

Criar uma imagem positiva de si mesmo, é um exercício importantíssimo. Ainda



mais, quando se pensa sobre à necessidade da representatividade negra na infância. E está para além do exercício estético, a prática do autorretrato convida as crianças a olharem para si, reconhecendo e valorizando suas características singulares — cor da pele, cabelo, traços — como elementos de beleza e identidade. Ensinar a transgredir na infância é um exercício de **reexistência**, por isso reiteramos que o autorretrato é um poderoso instrumento, pois permite que essas crianças elaborem imagens de si mesmas que rompam com padrões eurocêntricos de beleza e identidade.

De acordo com Ana Mae Barbosa (2003) e a sua abordagem triangular do ensino da arte, que articula a produção, a apreciação e a contextualização. Ao produzir seus autorretratos, as crianças vivenciam o fazer artístico; ao observar os trabalhos dos colegas e de artistas negros, exercitam a apreciação; e, ao refletirem sobre as imagens e sobre si mesmas, constroem significados e sentidos. Afinal, a arte é comunicação! E contribui para que o sujeito se reconheça como autor de sua própria narrativa visual. Portanto, essa integração possibilita que a arte assuma um papel emancipatório.

Nesse sentido, o trabalho com o autorretrato pode funcionar como uma metodologia antirracista, pois permite às crianças negras verem-se e serem vistas, rompendo com estereótipos e ausências. Trata-se de um ato político de valorização das diferenças e de legitimação das identidades negras na infância. Inspirados pela proposta de Nilma Lino Gomes (2002) quando esta reforça que a construção da identidade negra positiva é um processo que envolve tanto o reconhecimento individual quanto o coletivo, mediado pela escola, pela família e pelos espaços culturais.

O AUTORRETRATO COMO FERRAMENTA ANTIRRACISTA

“Os olhos, os ouvidos e a língua vêm antes da mão.
Ler vem antes de escrever e desenhar antes de traçar
as letras do alfabeto”. (Mahatma Gandhi).

A arte pode criar um ambiente propício à criatividade e à expressão na infância. E possibilitar diversas leituras do mundo; É bem relevante entender que as crianças vivenciam e produzem cultura, que são seres ativos e sujeito de direitos; Colabora com o desenvolvimento físico, sócio cognitivo, afetivo e cultural delas. As Artes Visuais, poderá, ser um elo de ligação para novos saberes na infância.



Dentre as diversas formas de interpretarmos esse exercício artístico, fazemos coro com “o autorretrato é o espelho do artista” (CANTON, 2001, p.68). Ora, ao falarmos de espelho podemos operar através de vários signos míticos, dentre os quais cabe aqui destacar: Narciso. De um lado, uma certa “obsessão” pela própria imagem e, por outro, uma imagem presente que não pode se desvencilhar do passado.

Esse é um personagem popular da mitologia grega que estabelece uma relação com espelho que passou da metáfora para uma categoria analítica psicanalítica muito importante; no campo da mitologia iorubá, encontramos o espelho de Oxum como uma categoria relevante para enfrentarmos o tema da identidade.

A tarefa seria essa, se olhar ao espelho e desenhar -se. Entrego o lápis cada um vai fazendo o seu desenho. E observo o quanto eles sempre querem fazer mais e com alegria. Pedimos somente que desenhassem os seus rostos, mas a maioria das crianças preferiram fazer o desenho do corpo todo. Percebemos o quanto as crianças se jogam por inteiro em qualquer atividade.

“Quem sou eu? Eu sou quem?”

Peço as crianças para refletirem e ao fazer o seu Autorretrato.

Heitor, logo após, olhar-se no espelho o menino, e fazer o seu autorretrato, rapidamente me chamou, e olha para sua obra e diz:

_ *Olha tia, já acabei!*

_ *“Eu, sou um negro lindo!” (Heitor)*

_ *Que lindo Heitor! (Pesquisadora)*

Saí daquela mesa, e fui visitar outras mesas olhar os demais trabalhos. Nesse momento, o menino H., correu e pegou um giz de cera, escolheu a cor e pintou o seu trabalho. Correu ao meu encontro e disse:

_ *Tia Bianca, acabei agora. (Fala H.)*

_ *“Peraí, tia faltou a coroa, eu sou um príncipe!” (Diz Heitor)*

O menino rapidamente desenha uma coroa sobre a sua cabeça, como mostra no desenho acima. E como já supracitado, fiquei surpreendida com as palavras do menino e



fiquei muito maravilhada por ele usar essas referências. O abracei e respondi: Você é realmente um príncipe, muito lindo!

CONCLUSÃO

Evidenciamos neste estudo a eficácia do autorretrato na infância como prática pedagógica capaz de promover reflexões e diálogos sobre identidade e representatividade. Essa experiência revelou-se um uma grande influência para que esse diálogo possa existir, provocar reflexões e influenciar outros educadores que assim como nós, lutam para a desconstrução do racismo. Mediante a isso, reconhecemos a necessidade de enriquecer as práticas educativas antirracistas. É importante considerar que equipes pedagógicas e professores, de todas as instituições de ensino seja preciso e necessário, adequar o currículo para essa contribuição. E por isso, neste trabalho, pensamos em ir além de constatações do racismo. Mas seguir ampliando olhares, desfiando o racismo, tecemos uma narrativa contínua, através do autorretrato, no intuito de conhecer as crianças e fazer a escuta delas, principalmente das crianças negras, sobre este problema, o que acreditamos ser imprescindível no contexto escolar. Para que as nossas crianças possam partir para o embate e enfrentar esse problema racial. Seguimos então nesse feito, partilhando saberes, reforçando o caráter transformador da pesquisana esperança de contribuir para esse desafio de superar o racismo na Educação Infantil. Educar é um ato de amor e de coragem, um movimento contínuo de escuta, diálogo e transformação. Sendo assim, reafirmamos a esperança freireana e a pedagogia do engajamento proposta por hooks.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGAMBEN, G. Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência. In: _____. Infância e história: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. UNESCO, Criciúma, v. 5, nº1, janeiro/Junho 2016. Criar Educação – PPGE – UNESCO.
- AGOSTINHO, K. A Educação Infantil com a participação das crianças: algumas reflexões, Da Investigação às Práticas. Santa Catarina: Universidade Federal de Santa Catarina, Campus Universitário, 2015.
- ARIÈS, P. História social da criança e da família. 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ARENHART, D. Culturas infantis e desigualdades sociais: questões de geração e classe social em duas escolas cariocas. Petrópolis/RJ: Vozes, 2016.



BENJAMIN, W. Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação. 34ª Ed. São Paulo: Duas Cidades, 2002.

BENTO, M. A. S. A identidade racial em crianças pequenas. In.: BENTO, M. A. S. (org.). Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades CEERT, 2012.

BRASIL, Ministério da Educação. História e cultura africana e afro-brasileira na educação infantil/ MEC/SECADI, UFSCar. 2014. p.15.

_____. Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Art.26-A.

_____. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Brasília. 2004.

_____. (2009c). Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil. Conselho nacional de educação câmara de educação básica resolução, nº 5, de 17 de dezembro.

_____. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: Acesso em: 15 jun. 2020.

CAVALLEIRO, E. Do silêncio do lar, ao silêncio da escola. Racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Ed. Contexto, 2000.

_____. (Org.). Racismo e Anti-Racismo na Educação: repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 1998.

Gomes, Nilma Lino (2017). O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação. Vozes, 154 p.

GOMES, Nilma Lino; ARAÚJO, Marlene de (orgs.) Infâncias Negras: vivências e lutas por uma vida justa. Petrópolis - RJ: Editora Vozes, 2023. 208 p

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MUNANGA, K. “As facetas de um racismo silencioso”. In: Raça e diversidade. SCHWARCZ, L. M.; QUEIRÓS, R. S. (org.). São Paulo, EDUSP, 1996.

_____. Superando o racismo na escola. 2 ed. MEC/Secad, 2005.

NUNES, M. D. F. Cadê as crianças negras que estão aqui?: O racismo (não) comeu. Alagoas: Latitude (UFAL), v. 10, p. 383-424, 2016.

RAUEN, Roselene Maria; MOMOLI, Daniel Bruno Momoli. “Imagens de si: o autorretrato como prática de construção da identidade” In Revista Educação, Artes e Inclusão, V. 11, N. 1 (2015), pp.51-73.

TRINIDAD, C. T. Identificação étnico-racial na voz de crianças em espaços de educação infantil. Tese (Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, 2011.

TRINDADE, B.; NOGUERA, R. As Crianças e as Artes Visuais: O Autorretrato e a Identidade Racial na Educação: Capítulo: 4 Atena Editora, (Janeiro, 2019). – (Cultura, cidadania e políticas públicas – v.2)

